

Chegada do Exército Libertador...

(Continuação da 1.ª página)

trazendo um efetivo superior a cinco mil homens, e um esquadrão desfilou pelas ruas centrais da cidade, trazendo à frente o Estado Maior maragato, que foi muito ovacionado pela população.

Gumerindo, chefiando pessoalmente o corpo de artilharia, acampou-se na chácara Eleutério; Juca Tigre (ou melhor, José Serafim Castilhos) armou suas tendas no poteiro dos Vilelas, a tradicional "Casa de Telhas" à margem direita da antiga estrada de Castro; o general Aparício e o coronel Ju lião, instalaram-se, respectivamente, na estrada da vila Madureira, e na Ronda, com grandes contingentes de cavalaria.

O bravo caudilho, com seu estado maior, hospedou-se num hotel que existia onde atualmente se levanta o quartel general, pertencente a Ernesto Bahls, onde estivera alojado o Imperador, anos antes.

No dia da chegada, logo após o desfile pela cidade, Gumerindo foi em companhia do coronel Colombo Leoni visitar o nosso progenitor, proprietário da Casa Estrela, onde lhe foi oferecida condigna recepção, e meu pai passou a ser um dos companheiros assíduos do general, durante sua estadia nesta localidade, almoçando diariamente em sua companhia, apreciando os exercícios militares do batalhão capitânea, ouvindo-lhe a narrativa de muitos episódios gloriosos da campanha libertadora. O exército libertador, apesar de ter conquistado inteiramente dois Estados e a maior parte do Rio Grande, chegou aqui na extrema miséria: desde o infimo soldado até o general em chefe, todos trajavam roupas bastante usadas, que haviam apreendido na campanha, arrancando-as do corpo de seus inimigos. A officialidade, bem como os inferiores, não traziam sequer um tostão no bolso, apesar de ter subjugado recentemente a Lapa, Curitiba e todo o litoral paranaense. Essa indigência é uma prova do sublime idealismo e da perfeita honestidade dos guerrilheiros maragatos, tão diferentes daqueles mercenários floriantistas, que se apresentaram um mês depois, transpirando arrogância por todos os poros, com os bolsos estufados de dinheiro, ameaçando e roubando, desrespeitando as famílias e perseguindo implacavelmente a todas as pessoas que não lhes rendiam homenagens!...

Observando a honrada pobreza do exército libertador, os senhores Augusto Ribas e Barão do Serro Azul, respectivamente em Ponta Grossa e Curitiba, tomaram a iniciativa de lançar um empréstimo de guerra, a fim de fornecer algum recurso pecuniário aos abnegados idealistas gauchos, que há longos meses vinham aturando as maiores privações, inclusive prolongados jejuns. Curitiba, Paranaguá e Antonina, forneceram cerca de 40 contos, ao passo que Ponta Grossa deu, aproximadamente, 10 contos de réis, porquanto já tinha sido explorada pelo "bravo" Piragibe, o miserável que sacrificou o triunfo dos maragatos. É preciso notar que um conto de réis naquela época valia mais que cem mil cruzeiros em nossos dias. Gumerindo era essencialmente magnânimo, e também um modelo de honestidade, idealismo e renúncia. Nunca pediu nada para si, contentando-se com os raros presentes que lhe ofereciam, e que, muitas vezes, ele transferia a um companheiro mais necessitado. O único presente que aceitou e usou, foi um bom chapéu, para substituir o velhíssimo

"sombrero" que apresentara quando desembarcou aqui.

Mantinha rigorosa disciplina no seu exército, fazendo respeitar solenemente as famílias e a propriedade alheia, ainda que se tratasse de inimigos. Durante um mês de permanência em nossa terra, não se verificou o menor furto ou distúrbio nesta praça. Certo dia, meu pai desceu em sua companhia para a estação, e foram abordados por uma patrulha que trazia um de seus subordinados como prisioneiro. Os soldados disseram que surpreenderam aquele indivíduo saltando a cerca de um quintal, certamente com o intuito de furtar alguma coisa. O caudilho, depois de ouvi-los e de interrogar o prisioneiro, sacou da espada e deu dois planceiros no infeliz, dizendo: — Levem-no ao acampamento e passem-lhe a "gravata vermelha"! (O preso foi degolado no mesmo dia).

Quando Augusto Ribas e Serro Azul trouxeram ao nobre caudilho as contribuições de guerra, Gumerindo não reteve nada para si, mas recomendou que se distribuisse aos seus subordinados. Opôs-se tenazmente a que seus generais enviassem patrulhas para saquear as fazendas da região, que se achavam densamente povoadas de gado. Quando o exército deliberou regressar ao Rio Grande, seus generais exigiram que se procedesse a um arrebanhamento geral de animais de montaria. O chefe concordou, após muita relutância, e avisou pessoalmente a meu pai e a outros fazendeiros, recomendando-lhes que "acostassem seus cavajós". Por seu turno, nenhuma escolta ele mandou à procura de animais.

Os maragatos grangearam grande simpatia da população paranaense, pela sua simplicidade e correção. Haja visto que Colombo Leoni reuniu com facilidade cerca de dois mil voluntários, num batalhão que denominou — Garibaldinos. Eram admiráveis pela sua resistência às intempéries, passando o ano inteiro em barracas esfarrapadas, assim como pela bravura e frugalidade, alimentando-se exclusivamente com carne de gado. O único defeito que se podia imputar àqueles guerrilheiros bombachudos, era andarem sempre a galope em seus cavalos, ainda que fosse para percorrer duas ou três quadras. Hábito dos camponeses da Fronteira...

Vinte dias depois da chegada das tropas libertadoras a Ponta Grossa, suas patrulhas avançadas travaram um tiroteio com a vanguarda do batalhão Frei Caneca, nas imediações de Castro, abandonando aquela cidade e conservando-se uma légua distante. Nossa população viveu alguns dias angustiosos, na expectativa de uma grande batalha em que se bateriam cerca de 10 mil homens.

Por que Gumerindo esbanjou precioso tempo em Ponta Grossa, perdendo a oportunidade de avançar até Itararé sem disparar um tiro? Primeiro, porque encontrou aqui tudo o que era necessário para manutenção de seu exército, bem como a solidariedade de um povo hospitaleiro e leal; segundo, para dar alguma instrução militar aos voluntários do Batalhão Garibaldino, composto em sua maioria de emigrantes poloneses e italianos, que se alistaram espontaneamente.

Nas vésperas do prosseguimento da marcha para São Paulo, veio a notícia que a esquadra libertadora tinha capitulado no Rio de Janeiro, diante de poderosa frota chegada da Norte América... Foi um tremendo golpe para os maragatos. Realizou-se solene conferência dos chefes libertadores, de

fronte do quartel general, no Largo da Matriz, então sombreado de frondosos cinamomos, e os generais deliberaram por unanimidade de regressar ao Rio Grande.

A retirada foi procedida na melhor ordem, em duas colunas: a primeira rumou para o sul via Palmeira — São Mateus; a segunda pelos verdadeiros caudilhos — Gumerindo e Juca Tigre, amigos

inseparáveis, dirigiu-se à Guarapuava, onde se desdobrou em duas, marchando o corpo principal diretamente a Campos Novos (Erval de hoje) onde efetuou a junção com Aparício Saraiya. Juca Tigre seguiu com destino ao Paraguarí, via Foz do Iguaçu, conduzindo cerca de 800 homens e oito mil animais chucros, que foi obrigado a abandoná-los às margens do

Cavernoso, na entrada do sertão. O governo provisório do Estado, Dr. Menezes Doria, retirou-se acompanhando os maragatos. Se a revolução tivesse triunfado, o Brasil não chegaria ao estado de decomposição que atualmente se encontra, devido à insaciável ambição de uns, à desonestidade e falta de caráter de outros, e finalmente à indolência geral!...